

**CLIPPING IMPRESSO**

**02/06/2019**



# INDICE

---

1. JORNAL ATOS E FATOS	
1.1. DECISÕES.....	1
1.2. JUÍZES.....	2 - 3
1.3. VARA CRIMINAL.....	4 - 5
2. JORNAL O IMPARCIAL	
2.1. JUÍZES.....	6
3. JORNAL O QUARTO PODER	
3.1. CNJ.....	7 - 8
4. JORNAL PEQUENO	
4.1. ASSESSORIA.....	9
4.2. DECISÕES.....	10
4.3. JUÍZES.....	11

# Ex-prefeita de Penalva é condenada a ressarcir dano e proibida de contratar com Poder Público

A 1ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA) manteve a condenação da ex-prefeita do município de Penalva, Maria José Gama Alhadeff, de ressarcimento integral do dano no valor de R\$ 80.366,59, com juros e correção monetária, e de proibição de contratar com o Poder Público pelo prazo de cinco anos. Os desembargadores do órgão

entenderam que ficou caracterizado o ato de improbidade que resultou na sentença de primeira instância.

Na ação ajuizada na Justiça de 1º grau, o Ministério Público estadual (MPMA) alegou que a ex-prefeita teve sua tomada de contas do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos profissionais da Educação

(Fundeb), referente ao exercício financeiro de 2009, reprovada pelo Tribunal de Contas do Estado.

Segundo o documento do TCE/MA, a então prefeita incorreu em diversas irregularidades em processos de licitação, bem como pela prática de gestão ilegal à norma legal de natureza contábil que resultou em multas e danos ao erário.

O Juízo de 1º grau acolheu

o pedido do MPMA para condenar a ex-gestora pela prática dos atos de improbidade administrativa, determinando o ressarcimento do dano e a proibição de contratar com o Poder Público. A ex-prefeita, por sua vez, sustentou que não há prova das alegações do Ministério Público e que não há dolo ou má-fé na conduta, elemento necessário à caracterização da improbidade.

# Ubuntu concidadãos brasileiros

Osmar Gomes dos Santos\*



**S**aravá! Por aqui aportei há pouco mais de quatrocentos anos, quase que por acaso, já que no início foi tudo a contragosto. Capturado em minhas próprias terras, expropriado das minhas vontades, na maior parte das vezes sob a cumplicidade de meus contemporâneos. Fui jogado nos sujos porões de grandes navios que, por dias a fio, cruzaram os mais bravos oceanos rumo a estas terras tupiniquins.

Por estas bandas, sem saber qualquer coordenada pela qual pudesse regressar, compeliram-me a uma jornada extenuante de forçados trabalhos. No início, confesso, não entendia bulhufas dos motivos que me colocavam de joelhos diante dessa situação. Astuto que sou, confesso logo estava tudo devidamente às claras que o escuro da minha pele era o motivo para todo aquele fuzuê.

Fui aqui jogado quando ainda nem era um país e ajudei a fazer desta a mais rica e destacada colônia portuguesa. Por séculos carreguei este país nas costas – literalmente sobre os ombros – como ainda o ajudo fazer. Desbravei matas, plantei, cultivei, colhi, produzi, extraí os recursos naturais e minerais, com nada fiquei. Nem um vintém de toda a riqueza que fiz com as mãos calejadas e com o suor que corria sob a escaldante jornada de um sol tropical.

Da força de trabalho do meu povo vi monumentos serem erguidos, estradas serem abertas, cidades serem edificadas, a aristocracia consolidar os sobrenomes de suas briosas famílias na história do Brasil, mesmo sem nunca terem pego no cabo de uma enxada. Nossos monumentos ainda resistem de pé, adornando centenas de cidades que estão no mapa do turismo histórico.

Mas as obras nas quais se vê beleza, abrigam também muito sofrimento. Não bastasse o banzo – que no fundo da alma ardia – convivíamos com a dor dos calabouços, das masmorras, dos mercados de escravos, das senzalas, dos açoites no tronco seguidos do banho em salmoura. Do pesado fardo que era o cepo carregado na cabeça, do viramundo e da máscara imposta àqueles que furtavam cana ou rapadura para sustento próprio. O castigo era acompanhado da humilhação pública. Servia de exemplo!

Ainda assim permaneci forte e me fiz presente. Aqui tive filhos, deixei herdeiros, até cheguei a ocupar posição de destaque em pleno período escravocrata. Mesmo que insistam em me esquecer, de fingirem que sou invisível, de me subjugar à posição secundária na teledramaturgia e no cinema – espaço em que raramente passo do papel de doméstica, porteiro, motorista ou bandido – quero dizer que resisto. Sou forte e estou mais presente do que nunca.

Após quase quinhentos anos de exploração, imprimi a minha marca nesta nação que hoje também é minha pátria. Estou vivo na culinária de pratos simples e sofisticados, na cachaca e no samba que marca a identidade nacional, enraizado na língua que particulariza a identidade dos brasileiros.

Minha marca está impressa na forma de vestir, no gingado da capoeira, no molejo dos mais variados batuques.

Estou na música, no jeito simples de morar, na solidariedade com o próximo, na religiosidade, na arte, na cultura, na irreverência de viver uma vida simples e de superação, mas com a esperança e a alegria sempre estampada em um sorriso marcante e verdadeiro.

Ah, também estou na pele branca, parda, preta; no cabelo liso, crespo ou pixaim. Marco expressões nos rostos de olhos grandes, pequenos, puxados que combinam ou não com narizes redondos, afilados, grandes ou pequenos emoldurados por seja lá qual formato de cabeça for.

Axé! Sou do tambor de mina, do terecô, da umbanda e do candomblé. Faço parte do catolicismo, do protestantismo sou gente de fé. Frente aos desafios que a vida me impôs, minhas armas sempre foram a alegria, a fé e o berimbau, companhia que sempre me fazia viajar nas rodas de uma boa capoeira a esquecer a dor e o tormento da desventura cotidiana.

Sou negro! Este sou eu e continuo sendo após mais de quatro séculos de expropriação da liberdade, mas jamais da minha honra e dignidade. Sou rocha, sou resistência, somos um só. Meu DNA está por deveras impregnado no seio desta nação que hoje se chama Brasil.

Ubuntu! Sempre foi assim. Essa é uma expressão que para cá trouxe na bagagem. Com ela quero afirmar que eu só existo porque nós existimos, que precisamos um do outro para a vida em sociedade – não o preto, o branco, o índio ou o pardo, mas todos nós enquanto nação.

Hoje, mais do que nunca essa expressão ecoa com um enorme sentido para todo povo brasileiro, cuja raça é apenas uma: a humana. Sua essência está no altruísmo como um modo de viver que devemos adotar cotidianamente quase que como um guia de comportamento social. Que os tempos de dor fiquem para trás, sem jamais serem esquecidos, e que possamos juntos e de mãos dadas continuar carregando com braços fortes a nossa nação.

**\*Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís; Membro das Academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.**

**ARTIGO:**  
**Ubuntu**  
**concidadãos**  
**brasileiros, do juiz**  
**Osmar Gomes**

PÁGINA 2

**Polícia prende  
“braço direito”  
do ex-delegado  
Thiago Bardal**

**PÁGINA 8**

## Polícia prende “braço direito” do ex-delegado Thiago Bardal

A Polícia Civil do Maranhão prendeu, na sexta-feira (31), João Batista Marques dos Santos, de 34 anos, conhecido como “Batistinha”.

João Batista é investigador de Polícia Civil do Maranhão e apontado como “braço direito” do ex-delegado, e atualmente preso de Justiça, Thiago Bardal, na administração de uma organização criminosa que foi neutralizada em fevereiro de 2018, no Estado.

O Desembargador Relator da 2ª Vara Criminal, Vicente de Paula Gomes de Castro, revogou a concessão

de liberdade que tinha “Batistinha”. A prisão foi executada em São Luís, e o preso encaminhado ao Instituto Médico Legal (IML) para ser submetido a exames de corpo delito e procedimentos de praxes antes de ser encaminhado a prisão.



**João Batista, o  
“Batistinha”, é  
investigador de PC/MA**

# Ubuntu concidadãos brasileiros

**OSMAR GOMES DOS SANTOS**

Juiz de Direito da Comarca da Iha de São Luís. Membro das Academias Ludovicense de Letras; Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.

Saravá! Por aqui aportei há pouco mais de quatrocentos anos, quase que por acaso, já que no início foi tudo a contragosto. Capturado em minhas próprias terras, expropriado das minhas vontades, na maior parte das vezes sob a cumplicidade de meus contemporâneos. Fui jogado nos sujos porões de grandes navios que, por dias a fio, cruzaram os mais bravos oceanos rumo a estas terras tupiniquins.

Por estas bandas, sem saber qualquer coordenada pela qual pudesse regressar, compeliram-me a uma jornada extenuante de forçados trabalhos. No início, confesso, não entendia bulhufas dos motivos que me colocavam de joelhos diante dessa situação. Astuto que sou, confesso logo estava tudo devidamente às claras que o escuro da minha pele era o motivo para todo aquele fuzê.

Fui aqui jogado quando ainda nem era um país e ajudei a fazer desta a mais rica e destacada colônia portuguesa. Por séculos carreguei este país nas costas – literalmente sobre os ombros – como ainda o ajudo fazer. Desbravei matas, plantei, cultivei, colhi, produzi, extraí os recursos naturais e minerais, com nada fiquei. Nem um vintém de toda a riqueza que fiz com as mãos calejadas e com o suor que corria sob a escaldante jornada de um sol tropical.

Da força de trabalho do meu povo vi monumentos serem erguidos, estradas serem abertas, cidades serem edificadas, a aristocracia consolidar os sobrenomes de suas briosas famílias na história do Brasil, mesmo sem nunca terem pego no cabo de uma enxada. Nossos monumentos ainda resistem de pé, adornando centenas de cidades que estão no mapa do turismo histórico.

Mas as obras nas quais se vê beleza, abrigam também muito sofrimento. Não bastasse o banzo – que no fundo da alma ardia – convivíamos com a dor dos calabouços, das masmorras, dos mercados de escravos, das senzalas, dos açoites no tronco seguidos do banho em salmoura. Do pesado fardo que era o cepo carregado na cabeça, do viramundo e da máscara imposta àqueles que furtavam cana ou rapadura para sustento próprio. O castigo era acompanhado da humilhação pública. Servia de exemplo!

Ainda assim permaneci forte e me fiz presente. Aqui tive filhos, deixei herdeiros, até cheguei a ocupar posi-

ção de destaque em pleno período escravocrata. Mesmo que insistam em me esquecer, de fingirem que sou invisível, de me subjugar à posição secundária na teledramaturgia e no cinema – espaço em que raramente passo do papel de doméstica, porteiro, motorista ou bandido – quero dizer que resisto. Sou forte e estou mais presente do que nunca.

Após quase quinhentos anos de exploração, imprimi a minha marca nesta nação que hoje também é minha pátria. Estou vivo na culinária de pratos simples e sofisticados, na cachaça e no samba que marca a identidade nacional, enraizado na língua que particulariza a identidade dos brasileiros. Minha marca está impressa na forma de vestir, no gingado da capoeira, no molejo dos mais variados batuques.

Estou na música, no jeito simples de morar, na solidariedade com o próximo, na religiosidade, na arte, na cultura, na irreverência de viver uma vida simples e de superação, mas com a esperança e a alegria sempre estampada em um sorriso marcante e verdadeiro.

Ah, também estou na pele branca, parda, preta; no cabelo liso, crespo ou pixaim. Marco expressões nos rostos de olhos grandes, pequenos, puxados que combinam ou não com narizes redondos, afilados, grandes ou pequenos emoldurados por seja lá qual formato de cabeça for.

Axé! Sou do tambor de mina, do terecô, da umbanda e do candomblé. Faço parte do catolicismo, do protestantismo sou gente de fé. Frente aos desafios que a vida me impôs, minhas armas sempre foram a alegria, a fé e o berimbau, companhia que sempre me fazia viajar nas rodas de uma boa capoeira a esquecer a dor e o tormento da desventura cotidiana.

Sou negro! Este sou eu e continuo sendo após mais de quatro séculos de expropriação da liberdade, mas jamais da minha honra e dignidade. Sou rocha, sou resistência, somos um só. Meu DNA está por deveras impregnado no seio desta nação que hoje se chama Brasil.

Ubuntu! Sempre foi assim. Essa é uma expressão que para cá trouxe na bagagem. Com ela quero afirmar que eu só existo porque nós existimos, que precisamos um do outro para a vida em sociedade – não o preto, o branco, o índio ou o pardo, mas todos nós enquanto nação.

Hoje, mais do que nunca essa expressão ecoa com um enorme sentido para todo povo brasileiro, cuja raça é apenas uma: a humana. Sua essência está no altruísmo como um modo de viver que devemos adotar cotidianamente quase que como um guia de comportamento social. Que os tempos de dor fiquem para trás, sem jamais serem esquecidos, e que possamos juntos e de mãos dadas continuar carregando com braços fortes a nossa nação.

# **Corregedoria Nacional de Justiça proíbe o 'divórcio impositivo' no país. Pág-3**

## Corregedoria Nacional de Justiça proíbe o 'divórcio impositivo' no país

A Corregedoria Nacional de Justiça divulgou nesta sexta-feira (31) que expediu recomendação para que os Tribunais de Justiça do país não editem normas que regulamentem o "divórcio impositivo", uma espécie de divórcio extrajudicial.

Nele, um dos cônjuges pode pedir a averbação do divórcio diretamente no cartório, sem anuência ou presença do outro, deixando para o Judiciário outras questões como filhos, alimentos e partilha de bens.

Essa modalidade já havia sido regulamentada em Pernambuco. O corregedor do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), ministro Humberto Martins, determinou que o Tribunal de Justiça daquele estado revogue o provimento.

Para Martins, o ordenamento jurídico brasileiro não permite que o divórcio seja realizado extrajudicialmente quando não há consenso entre o casal. Além disso, segundo ele, o TJ de Pernambuco usurpou competência legislativa outorgada à União.

Segundo a decisão, o TJ-PE não respeitou "a competência privativa da União nem o princípio da isonomia, uma vez que estabelece uma forma específica de divórcio no Estado de Pernambuco, criando disparidade entre esse e os demais estados que não tenham provimento de semelhante teor".

O corregedor ressaltou que ninguém é obrigado a permanecer casado contra a vontade, mas que o único caminho possível para resolução do problema é o Poder Judiciário.

"Se houver conflito de interesses, impor-se-á a apreciação pelo Poder Judiciário por expressa previsão legal. Essa é a solução escolhida pelo legislador federal. Outras há, inclusive em países estrangeiros, que podem ser melhores, mais atuais ou até mesmo mais eficazes. Nenhuma delas, porém, obteve o reconhecimento do Congresso Nacional brasileiro. Só por essa razão, de nada lhes adiantarão todos esses supostos méritos", escreveu.

*Do G1*

## Justiça & Cidadania

Antonio Carlos

acarloslua@folha.com.br



### Os radares desajustados da economia

Existe hoje, no Brasil, uma economia que maltrata, mata, destrói. No centro das coisas não está mais o homem e sim o dinheiro, com um conceito econômico diminuto. Se por um lado a crise é real e tem impactado diretamente a vida das pessoas, por outro lado, o debate franco sobre os fatores que nos levaram a essa lamentável situação é inebriado por um projeto político: o de Estado mínimo. Não é justo submeter o Estado ao mercado. Quando é o mercado que governa, o Estado torna-se fraco e acaba submetido a uma perversa lógica financeira, com uma política fiscal fortemente contracionista.

A crise na qual estamos atolados pede soluções justas. Não aquelas que atendam à lógica do mercado, prejudicando a democracia e dando espaço às veleidades autoritárias. O dinheiro é para servir e não para governar. Não podemos perder de vista a necessidade de um Estado forte em contraposição ao “Estado mínimo” com suas políticas fiscais agressivas. Temos que ter força e coragem para não obedecer cegamente à mão invisível do mercado, para que haja um crescimento que gere efeitos positivos para a sociedade. Se o lucro prevalece como fim, a democracia tende a se tornar uma plutocracia, potencializando as desigualdades.

O pacote dourado de produtos otimistas que o mercado tentou vender não resistiu à realidade. As notícias que vieram a público nos últimos dias traçam um quadro muito desanimador para a realidade nacional. A economia está na UTI. O Brasil está em rota de declínio.

A ameaça é clara. Sem uma mudança de direção a crise pode piorar com consequências potencialmente graves para a prosperidade e estabilidade do país a curto e médio prazo. O grande desafio é encontrar um bom equilíbrio entre Estado e o mercado, com uma ação bem coordenada, com objetivos claros e bem explicitados. Hoje mais do que nunca, é necessário corrigir os modelos de crescimento que se mostram incapazes de garantir a equidade social, a dignidade dos trabalhadores e os direitos das gerações futuras. É preciso civilizar o mercado para não sacrificar sobre o altar da eficiência os valores fundamentais como a democracia, a justiça e a liberdade, com a impiedosa ditadura de uma economia sem rosto e sem propósitos verdadeiramente humanos.

É necessária a implementação de políticas distributivas que ampliem os direitos sociais, para que sejam atendidas, na justa medida, as reivindicações da sociedade, com decidido respeito ao Estado Democrático de Direito. Não nos interessa assistir economistas se engalfinhando em debates sobre a pertinência dos mandamentos econômicos inscritos nos cânones da ortodoxia, até porque, embora imperceptível para os radares desajustados dos cientistas da economia, a exuberância irracional esgueira-se nas plácidas certezas da ignorância. Desinformados das lições da história, economistas como Paulo Guedes e tantos outros de ideologia ultraliberal ignoram os paradoxos da ação humana. São eles que alimentam o apetite dos super-ricos que agem no mercado financeiro num trolé de búfalos enfurecidos em busca da riqueza líquida.

Os números não mentem. O quadro econômico e social brasileiro é gravíssimo. Estamos tendo a pior e mais lenta recuperação econômica das últimas décadas, sem paralelo com as experiências anteriores.

A ociosidade da economia e o alto índice de desemprego expulsam parte dos trabalhadores de forma definitiva do mercado formal de trabalho, sinalizando que vamos ficar patinando por um bom tempo, se não for adotado um conjunto de políticas anticíclicas bem coordenadas. Embora não exista mágica a ser feita para sair da crise e garantir a retomada do crescimento, o Governo Federal tem que buscar novas formas para ampliar os investimentos em infraestrutura, contendo os gastos correntes e abrindo espaço para os investimentos públicos.

O Governo Federal aposta, no momento, todas as fichas na Reforma da Previdência, embora todos saibam que ela não será uma panaceia para a retomada do crescimento, como tenta nos convencer o ministro Paulo Guedes. A Reforma da Previdência proposta pelo Governo Federal é altamente regressiva e não resolverá o problema fundamental da melhoria das expectativas em relação aos investimentos. Empresário só investe se tiver perspectiva otimista do crescimento futuro da economia. É bom saber que a fada de confiança não despertará o espírito animal dos investidores. Em relação às privatizações, não há participação excessiva de estatais na economia. A Petrobras, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica dão lucro ao Governo Federal. Os argumentos do ministro Paulo Guedes em relação às privatizações evidenciam uma posição puramente ideológica pró-mercado, sem racionalidade econômica.

O curioso nesse processo é que, apesar do travamento econômico, o lucro do Banco Itaú e do Bradesco só aumentou. Ou seja, mesmo com a crise há um imenso enriquecimento de todos os que trabalham com movimentação financeira. Isso comprova que os bancos não criam atividades produtivas. Ele reinvestem o dinheiro e sequer pagam impostos, porque fogem para paraísos fiscais. Mecanismos semelhantes aos adotados pelos bancos brasileiros quebraram a Argentina, com os chamados fundos abutres. É o que os especialistas chamam de financeirização da economia. As últimas reuniões do G20 estão todas centradas nesse problema, incluindo os paraísos fiscais. Só as exportações fraudulentas estão custando ao Brasil mais de 35 bilhões de dólares, cerca de 2,5% do Produto Interno Bruto (PIB). A crise econômica brasileira – que registra redução do PIB, perdas de emprego e situação financeira recessiva – pode ser compreendida, especialmente, pelo processo de “financeirização da economia”. Os bilhões de reais que deveriam ser revertidos em estradas, ferrovias, saúde, educação, estão indo para os bancos que, colocam o dinheiro em paraísos fiscais. Não há como negar que a situação da economia brasileira é, indubitavelmente, crítica. O país tem uma grande crise fiscal, uma dívida pública que está saindo totalmente do controle e uma baixíssima produtividade dos fatores de produção.

## Braço direito de Bardal Ex-investigador da Seic retorna à cadeia por determinação judicial

DIVULGAÇÃO

LUCIENE VIEIRA

Na sexta-feira (31), o investigador João Batista Marques dos Santos, de 34 anos, também conhecido como “Batistinha”, voltou a ser preso pela Polícia Civil (PC), por determinação do desembargador relator da 2ª Vara Criminal Vicente de Paula Gomes de Castro. De acordo com o delegado geral da PC Leonardo Diniz, o investigador trabalhava no Departamento de Combate a Crimes contra Instituições Financeiras, da Superintendência Estadual de Prevenção e Combate à Corrupção (Seic), no período em que o delegado Tiago Bardal era o titular, sendo considerado o braço direito de Bardal.

Em novembro de 2018, João Batista e Tiago Bardal foram presos suspeitos de envolvimento com uma quadrilha especializada em assaltos a bancos na região Tocantina, no Maranhão. À época, as investigações apontavam recebimento de propina de quadrilhas que assaltavam bancos no estado. O valor era de aproximadamente R\$ 100 mil por assalto.

O titular da Superintendência



Considerado braço direito de Tiago Bardal, o investigador João Batista voltou para a prisão

Estadual de Prevenção e Combate à Corrupção (Seccor), delegado Roberto Wagner, disse que não sabia concessão de liberdade dada pelo judiciário ao ex-investigador da Seic. E que a prisão de João Batista na sexta-feira (31) não foi realizada pela Seccor. Batista foi preso em São Luís, e fez exames de corpo delicto no Instituto Médico Legal (IML); o local onde ele está preso não foi informado.

## Osmar Gomes dos Santos

Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís, membro das academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.



# UBUNTU CONCIDADÃOS BRASILEIROS

Saravá! Por aqui aportei há pouco mais de quatrocentos anos, quase que por acaso, já que no início foi tudo a contragosto. Capturado em minhas próprias terras, expropriado das minhas vontades, na maior parte das vezes sob a cumplicidade de meus contemporâneos. Fui jogado nos sujos porões de grandes navios que, por dias a fio, cruzaram os mais bravos oceanos rumo a estas terras tupiniquins.

Por estas bandas, sem saber qualquer coordenada pela qual pudesse regressar, compeliram-me a uma jornada extenuante de forçados trabalhos. No início, confesso, não entendia bulhufas dos motivos que me colocavam de joelhos diante dessa situação. Astuto que sou, confesso logo estava tudo devidamente às claras que o escuro da minha pele era o motivo para todo aquele fuzuê.

Fui aqui jogado quando ainda nem era um país e ajudei a fazer desta a mais rica e destacada colônia portuguesa. Por séculos carreguei este país nas costas – literalmente sobre os ombros – como ainda o ajudo fazer. Desbravei matas, plantei, cultivei, colhi, produzi, extraí os recursos naturais e minerais, com nada fiquei. Nem um vintém de toda a riqueza que fiz com as mãos calejadas e com o suor que corria sob a escaldante jornada de um sol tropical.

Da força de trabalho do meu povo vi monumentos serem erguidos, estradas serem abertas, cidades serem edificadas, a aristocracia consolidar os sobrenomes de suas briosas famílias na história do Brasil, mesmo sem nunca terem pego no cabo de uma enxada. Nossos monumentos ainda resistem de pé, adornando centenas de cidades que estão no mapa do turismo histórico.

Mas as obras nas quais se vê beleza, abrigam também muito sofrimento. Não bastasse o banzo – que no fundo da alma ardia – convivíamos com a dor dos calabouços, das masmorras, dos mercados de escravos, das senzalas, dos açoites no tronco seguidos do banho em salmoura. Do pesado fardo que era o cepo carregado na cabeça, do viramundo e da máscara imposta àqueles que furtavam cana ou rapadura para sustento próprio. O castigo era acompanhado da humilhação pública. Servia de exemplo!

Ainda assim permaneci forte e me fiz presente. Aqui tive filhos, deixei herdeiros, até cheguei a ocupar posição de destaque em pleno período escravocrata. Mesmo que insistam em me esquecer, de fingirem que sou invisível, de me subjugar à posição secundária na teledramaturgia e no cinema – espaço em que raramente passo

do papel de doméstica, porteiro, motorista ou bandido – quero dizer que resisto. Sou forte e estou mais presente do que nunca.

Após quase quinhentos anos de exploração, imprimi a minha marca nesta nação que hoje também é minha pátria. Estou vivo na culinária de pratos simples e sofisticados, na cachaça e no samba que marca a identidade nacional, enraizado na língua que particulariza a identidade dos brasileiros. Minha marca está impressa na forma de vestir, no gingado da capoeira, no molejo dos mais variados batuques.

Estou na música, no jeito simples de morar, na solidariedade com o próximo, na religiosidade, na arte, na cultura, na irreverência de viver uma vida simples e de superação, mas com a esperança e a alegria sempre estampada em um sorriso marcante e verdadeiro.

Ah, também estou na pele branca, parda, preta; no cabelo liso, crespo ou pixaim. Marco expressões nos rostos de olhos grandes, pequenos, puxados que combinam ou não com narizes redondos, afilados, grandes ou pequenos emoldurados por seja lá qual formato de cabeça for. Axé! Sou do tambor de mina, do terecô, da umbanda e do candomblé. Faço parte do catolicismo, do protestantismo sou gente de fé. Frente aos desafios que

a vida me impôs, minhas armas sempre foram a alegria, a fé e o berimbau, companhia que sempre me fazia viajar nas rodas de uma boa capoeira a esquecer a dor e o tormento da desventura cotidiana. Sou negro! Este sou eu e continuo sendo após mais de quatro séculos de expropriação da liberdade, mas jamais da minha honra e dignidade. Sou rocha, sou resistência, somos um só. Meu DNA está por deveras impregnado no seio desta nação que hoje se chama Brasil.

Ubuntu! Sempre foi assim. Essa é uma expressão que para cá trouxe na bagagem. Com ela quero afirmar que eu só existo porque nós existimos, que precisamos um do outro para a vida em sociedade – não o preto, o branco, o índio ou o pardo, mas todos nós enquanto nação.

Hoje, mais do que nunca essa expressão ecoa com um enorme sentido para todo povo brasileiro, cuja raça é apenas uma: a humana. Sua essência está no altruísmo como um modo de viver que devemos adotar cotidianamente quase que como um guia de comportamento social. Que os tempos de dor fiquem para trás, sem jamais serem esquecidos, e que possamos juntos e de mãos dadas continuar carregando com braços fortes a nossa nação.